

## Filosofia, o domínio de si e a significação da existência: um legado da filosofia brasileira

Philosophy, self-mastery, and the meaning of existence: a legacy of Brazilian philosophy

Leonardo Ferreira Almada

Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia – IFILO, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Fabiense Pereira Romão

Universidade Federal de Uberlândia – POSFIL-UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

### Resumo

Por meio do presente artigo pretendemos erguer um breve debate em torno do legado da filosofia brasileira acerca da ideia de filosofia como ciência do espírito ou da consciência no Brasil. Para tanto, notabilizamos a dedicação de alguns expoentes na história da filosofia brasileira, a saber: Padre Antônio Vieira, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Tobias de Meneses Barreto e Raimundo de Farias Brito. Acorados no eminente problema filosófico do “Conheça-te a ti mesmo” socrático se tornam herdeiros diretos de uma ciência nascida a partir de uma exigência universal, qual seja: a exigência do conhecimento de si, a significação racional da existência e o papel que o homem representa no mundo. Concebida a filosofia como ciência primeira, penetramos no problema da consciência de si em seu sentido transcendente, metafísico e universal. Assim, a partir do que designamos filosofia e suas bifurcações, procederemos as distinções entre a metafísica e a ciência, intuição e análise, no sentido de sustentar a tese de que é através da ampliação do escopo da consciência de si que criamos as condições de necessidade para alcançarmos a liberdade e o domínio de si.

**Palavras-chave:** ciência do espírito; consciência de si; liberdade; domínio de si.

### Abstract

Through this article, we intend to raise a brief debate about the legacy of Brazilian philosophy about the idea of philosophy as science of spirit or conscious in Brazil. To this end, we note the dedication of some exponents in the history of Brazilian philosophy, namely: Father Antônio Vieira, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Tobias de Meneses Barreto, and Raimundo de Farias Brito. Anchored in the eminent philosophical problem of the Socratic “Know Yourself” become direct heirs of a science born from a universal requirement, namely: the requirement of knowledge of one another, the rational meaning of existence and the role that man represents in the world. Conceived philosophy as the first science, we penetrate the problem of self-consciousness in its transcendent, metaphysical, and universal sense. Thus, from what we call philosophy and its bifurcations, we will make the distinctions between metaphysics and science, intuition, and analysis, in order to sustain the thesis that it is through the expansion of the scope of self-conscious that we create the conditions of need to achieve freedom and self-mastery.

**Keywords:** science of the spirit; self-awareness; freedom; self-mastery.

### Informações do artigo

Submetido em 29/02/2024

Aprovado em 11/02/2024

Publicado em 15/05/2025.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n2.p57-70>

Copyright (c) 2025 Leonardo Ferreira Almada,  
Fabiense Pereira Romão.



Esta obra está licenciada sob uma licença  
[Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

### Como ser citado (modelo ABNT)

ALMADA, Leonardo Ferreira; ROMÃO, Fabiense Pereira. Filosofia, o domínio de si e a significação da existência: um legado da filosofia brasileira. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 2, p. 57-70, maio/ago, 2025.

## 1 INTRODUÇÃO

O artigo que aqui se inicia propõe defender que a filosofia brasileira se insere na própria história da filosofia quando levamos em consideração os fundamentos a partir dos quais se orienta. A filosofia brasileira através da digressão ao princípio socrático “Conheça-te a ti mesmo” perfaz a trajetória da filosofia no interior das dimensões transcendente, metafísica e universal na via da ampliação do escopo da consciência de si e das condições de liberdade e governo de si engendrada pela filosofia, ou antes, pela metafísica e a preeminência de seu método introspectivo.

Neste sentido, a filosofia brasileira desde as cogitações socráticas, alcançou o cogito cartesiano, revisitou o sentido agostiniano de conversão religiosa como princípio da consciência de si, e pavimentou a história da filosofia brasileira com Padre Antônio Vieira, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Tobias de Meneses Barreto e Raimundo de Farias Brito.

Com estes expoentes, a filosofia brasileira deixa o seu legado ao se dedicar à ciência nascida a partir de uma exigência universal, qual seja: a exigência do conhecimento de si e a significação da existência. Almada (2009, p. 227), no compasso do filósofo Farias Brito a partir da obra *O mundo interior* (2003), recorre, então, a expressão mais precisa ancorada na fórmula socrática “Conheça-te a ti mesmo” a fim de elucidar o que foi consagrado pela filosofia brasileira como “ciência do espírito” ou da consciência.

## 2 FILOSOFIA, O DOMÍNIO DE SI E A SIGNIFICAÇÃO DA EXISTÊNCIA

De posse da compreensão de que a “ciência do espírito” ou da consciência existe desde que se apresentou em face da natureza de um ser pensante, sublinhamos que sua existência parece ser inaugurada desde que o homem existe. Desta primeira impressão que fez vibrar uma consciência, inaugurando suas primeiras manifestações, e, permitindo, assim, que o homem pudesse compreender as suas próprias leis, pudesse determinar suas ações segundo suas ideias, bem como utilizar do expediente desta ciência no campo das aplicações práticas (Brito, 2003, I, I, §3, p. 63).

Neste sentido, Brito (2006, p. 110) advoga a favor da filosofia, ou antes, da metafísica, se opondo aos ideais positivistas que a compreendeu como um esforço

vão do espírito alheio a toda e qualquer eficácia prática. Do contrário, assevera Brito (2006, p. 110): “nada tem mais eficácia prática que a metafísica”, isto é, a filosofia, pois; a cada fase da evolução do espírito a metafísica lhe corresponde de uma maneira, a cada fase da civilização a metafísica busca responder aos anseios do homem na via da intuição de si e do conhecimento do mundo. Assim, habilita-se o homem a fazer a dedução do ideal a que deve obedecer no combate da vida (*Ibid.*, 2006, p. 11).

A filosofia, nesta perspectiva, ao tomar para si a empreitada de açambarcar o todo amplia o escopo do homem consciente de si, e se projeta na resolução de um duplo problema, a saber: i) “qual a significação racional da natureza”, e, ii) “qual o papel que representa o homem no mundo” (Brito, 2006, p. 110-111). Farias Brito, a partir de sua obra *A base física do espírito* (2006) defendeu que na ausência desta compreensão é absolutamente impossível assegurar qualquer tipo de dedução do dever, se não sabemos para que fim viemos ao mundo, porquanto se não sabemos o que somos. Desta feita, é também evidente que não se possa compreender qual norma ou quais normas de conduta deve ou deveriam nos servir de orientação à nossa vida prática (Brito, 2006, p. 111).

Assim, nos encontramos com um ponto fulcral da filosofia, e sintonizamo-nos com Brito (*Ibid.*) para o qual “nada se pode conceber de mais alto em tudo o que produz o espírito”. Aí está o seu destino sob a perspectiva do conhecimento de si, capturado pela marcante condição do homem que tem a consciência de si, e, por isso, extrapola os limites impostos pelas necessidades do seu aparelho biológico rumo à constituição da liberdade e toda sorte que a acompanha. Portanto, é da filosofia que deriva a lei que constitui o princípio orgânico das sociedades, e figura como fundamento da ordem moral (*Ibid.*).

Diante do legado da filosofia brasileira quanto ao problema filosófico do conhecimento de si, justifica-se recuperar a relevante contribuição de Padre Antônio Vieira (1608-1697) no que diz respeito a formação de um sentido de identidade filosófica no Brasil. É precisamente na figura de Padre Antônio Vieira que repousa o primeiro registro de um sentido transcendente, metafísico e universal da exigência do conhecimento de si (Almada, 2009, p. 5). Foi Vieira, quem no século XVII, no âmbito da conversão religiosa, introduziu no Brasil a necessidade de retornar ao princípio socrático do “Conheça-te a ti mesmo”. Com efeito, em seu Sermão da Sexagésima

(1655), deu-lhe contornos que salvaguardou uma defesa contemporânea às *Meditações Metafísicas* de Descartes no sentido de conversão como princípio da autoconsciência.

Vieira, então, nesse contexto histórico assume uma posição independente em relação à irrupção da filosofia e ciência modernas (Almada, 2009, p. 5). Para tanto, se ancora em uma tradição a qual instituiu um sentido de conversão como sentido de inteligência, isto é, como condição de o homem voltar para si com a finalidade de se libertar do determinismo da natureza, fundando sua própria existência como espírito, não restrito aos limites impostos pelas necessidades do corpo: “Que coisa é a conversão de uma alma senão entrar um homem dentro em si, e ver a si mesmo?” (Vieira, Sermão da Sexagésima, III, p. 33). Eis que aparece de modo pujante o problema filosófico da liberdade *versus* necessidade, e por consequência, o problema da consciência de si como caminho para alcançá-la.

Quanto ao problema da consciência de si, Almada (2009, p. 208) ao assimilar Farias Brito por meio da obra *O mundo interior* (2003) vai expor que a maior finalidade da atividade do espírito é a de tornar o homem capaz de dominar a si mesmo e capacitá-lo a exercer domínio sobre as coisas. Deste modo, o que repousa sobre o “espírito é esse poder agente e real, essa força criadora”, e, destarte, “não pode deixar de ser este o objeto da ciência, porquanto é o que mais interessa ao nosso conhecimento” (Brito, 2003, p. 63).

Sobre o propósito de estudar a ciência incomparável de que falava Sócrates, Farias Brito penetra nos problemas fundamentais da filosofia buscando dar conta da consciência de si, buscando compreender o domínio de si e a significação da existência. Assim, nos ensina:

Pois bem: considerando a dolorosa contingência a que estão sujeitas todas as nossas condições existenciais, quanto há de ilusório, a quanta desgraça estamos sujeitos todos nós que vivemos, condenados irremediavelmente à morte; considerando o nada de todas as grandezas humanas, quero indagar da significação real desta natureza imensa que nos cerca; quero indagar que relação tem a minha existência com a existência universal; quero, numa palavra, interrogar os segredos da consciência de modo a explicar a cada um a necessidade em que está de compreender o papel que representa no mundo (Brito, 1957, p. 68).

### 3 FILOSOFIA E SUAS BIFURCAÇÕES: METAFÍSICA E CIÊNCIA

Ao lidarmos com a filosofia como atividade permanente do espírito trazemos à baila a filosofia e suas bifurcações. A ideia geral é a de que em primeiro lugar vem a filosofia anexada a natureza de sua atividade mesma do espírito, incumbida de interrogar a realidade e encaminhar a elaboração do conhecimento. A partir deste exercício resultam as ciências. Todavia, as ciências por si só não bastam. E, segue-se daí o desfecho através do qual resulta duas diferentes direções: uma que conduz à ciência e outra que conduz à metafísica, o quer dizer em consonância com Brito (2006, p. 109) que a “filosofia produz as ciências, mas generalizando em seguida o resultado das ciências, eleva-se daí a uma interpretação da realidade e funda a metafísica”, isto é “uma concepção do todo universal”.

Considerada a filosofia sob este ponto de vista, Almada (2009, p. 169) ergue a seguinte questão: “se é verdade que as ciências se originam de problemas eminentemente filosóficos, também é verdade que as ciências não são capazes de esgotar a realidade”. Neste compasso, a filosofia mais que inserir em sua realidade o incognoscível na via da metafísica, estabelece o próprio incognoscível. Ao adentrar no território do mistério a metafísica abre a possibilidade de se projetar em dimensões que não estão circunscritas meramente ao âmbito da realidade fenomênica, elevando sua empreitada ao nível das elucubrações acerca do papel do homem representado no mundo e da significação racional de sua existência.

Deste modo, ao filósofo lhe é requerido a competência de avançar e articular hipóteses, interpelando o mundo e a si. Para tanto, lhe é exigido, a habilidade de manejar e criar conceitos sem jamais negar o papel da ciência enquanto atividade que demarca, elabora, especializa, e dispõe suas constatações e resultados à vida prática a partir das hipóteses e conceitos erguidos pelo trabalho incessante do espírito.

Neste sentido, requer-se que não haja subserviência de um modo de saber em relação ao outro. No interior desta questão, Almada (2009, p. 169-170) se sintoniza com Farias Brito na proposta de uma nova orientação capaz de engendrar uma humanidade autêntica para a qual o homem, partindo dos resultados das ciências, procura fornecer a interpretação do verdadeiro sentido da existência. Eis que Farias

Brito apresenta a equação entre a filosofia e a ciência através da metáfora da montanha presente na introdução de sua obra *A base física do espírito*:

Cada grau a que se eleva a humanidade no desenvolvimento contínuo de seu saber positivo, é apenas um ponto de apoio, e partindo daí a tendência natural do espírito é sempre elevar-se mais alto. É como se alguém subisse a uma montanha para daí lançar uma vista sobre o mundo. Ao chegar no ponto culminante, teria de verificar que tudo está por fazer, porque o mistério cresce à proporção que os horizontes se afastam. No caso daquele que tenta explicar a natureza das coisas, a montanha é a ciência e esta vai sempre tomando maiores proporções. A filosofia é a intuição que se forma do mundo, partindo do alto da montanha da ciência. Esta, se bem que cresça indefinidamente, todavia, jamais poderá chegar ao limite das coisas, uma vez que o espaço é infinito (Brito, 2006, p. 107).

É a filosofia um conhecimento que estende seus tentáculos além dos domínios da ciência. Assim, o conhecimento filosófico atravessa o campo do conhecimento dado pela inteligência, atingindo, destarte, os domínios da intuição. Se a inteligência, de uma parte, se limita ao mundo dos fenômenos em seu domínio próprio que é a matéria, a intuição, de outra parte, é marcada pela ousadia de tocar o absoluto nos seus domínios que é a vida. Do contrário segundo o alerta concedido por Farias Brito: a intuição “fora de seu domínio agita-se no vácuo” (Brito, 2003, p. 219). Farias Brito prossegue sustentando a tese de que a distinção entre a inteligência e a intuição nos fornece condições de dirimir a antiga oposição entre o fenômeno e o ser, resolvendo-se em continuidade, fluxo, ou em outros termos, o vir-a-ser em contraposição ao fixo: “seja pelo pensamento, seja pela intuição, nós vivemos no absoluto, mais ou menos profundamente, conforme dele somos dignos” (*Ibid.*).

Com efeito, tal compreensão assimila o que Brito (2006, p. 80) chama de filosofia pré-científica e filosofia supercientífica. O primeiro sentido, pré-científica, acomoda o conhecimento *in fieri*, conhecimento em via de elaboração; e, o segundo sentido, supercientífica, acomoda o conhecimento que visa à totalização da experiência, concepção do todo universal. É nesse último sentido que a filosofia se chama metafísica ou filosofia primeira. É contra este sentido último em particular que se dirigem os ataques mais violentos. Farias Brito (*Ibid.*) assevera que tal “equívoco tem sido causa de grande confusão no pensamento contemporâneo”.

Todavia, em consonância com Brito sublinhamos uma objeção mais violenta que incide sobre a filosofia, e recebeu a alcunha de Farias Brito (2006, p. 68) de

“argumento formidável contra a filosofia”. Argumento que consiste na consideração de que as cogitações filosóficas não ampliam o poder material do homem, e é partir desta consideração que se segue a crise na qual se encontra.

Ora, se deve vigorar o ponto de vista do pragmatismo, se for a ciência considerada a detentora do ponto de vista prático da atual geração, e a reboque, se só a ciência se justifica como instrumento da ação; então, a filosofia neste sentido abandonada a própria sorte deve ser considerada inútil? Logo, se este argumento for levado adiante “a filosofia sob este viés não habilita o homem para agir sobre as coisas, e não o prepara com aparelhos de força para o domínio dos elementos” (Brito, 2006, p. 68).

A redução do que é essencial à vida a partir do referencial daquilo que dá resultado imediato e que pode ser, sem grande esforço verificado e provado, forma um ‘sábio’ por vezes assoberbado: o ‘sábio’ homem do laboratório e do maquinismo, o homem que sonha dominar por completo a natureza. Em face dessa ambição, a metafísica tomada como ciência do espírito é subestimada, negligenciada ou mesmo atacada. As consequências podem ser devastadoras, pois; é a ciência do espírito um modo de conhecimento que, sem renunciar ao ideal de rigor, busca aquilo que é energia viva, a dimensão humana que, guiada pela intuição, aponta para a necessidade do governo de si mesmo (Brito, 2003, p. 62).

Neste sentido, a filosofia em sua acepção mais genuína, concebida como o modo de conhecimento mais primordial; envolve a compreensão de que o espírito ou a consciência de si “é a base do edifício do pensamento, o princípio dos princípios: é também fato que resiste a toda dúvida, verdade que desafia o capricho mais desordenado dos céticos” (*Ibid.*). Neste compasso, Almada se associa ao Farias Brito e assevera:

Contra os céticos, basta afirmar que o próprio ato de negar é um ato de consciência, isto é, um fenômeno do espírito: “negar o espírito é negar-se, e negar-se é dizer: eu sou e não sou. O espírito é, pois, o princípio dos princípios e a verdade das verdades, o fundamento de toda realidade e base de todo o conhecimento” (Almada 2009, p. 132).

Não se trata de negar a legitimidade da ciência quanto ao seu poder de fazer previsões na ordem física, mas, sim, trata-se de sublevar o caráter transcendente da



metafísica e a preeminência da introspecção<sup>1</sup> no que diz respeito à consideração do ser consciente, o ser que é o princípio dos fenômenos psíquicos (Bergson, 1988, p. 150). Deste modo, o ser e a consciência de si à guisa do método introspectivo embrenham-se no universo do estranho e do mistério, de tal sorte que estes domínios não podem ser realmente contemplados em condições similares aos fenômenos da realidade exterior (*Ibid.*). Assim, o ser consciente, proprietário desta psicologia transcendente, segundo Farias Brito produz este modo de conhecimento que “faz parte orgânica daquele que o possui, e em que o objeto é consubstancial com o sujeito” (Brito, 2003, p. 70).

Com efeito, negligenciar a filosofia (metafísica) em sua complexidade, assim como suas bifurcações, pode nos conduzir a um ‘atoleiro’ epistemológico. É sobre este ponto que afirmamos: a filosofia e a ciência não se excluem mutuamente, ou antes, ao acomodarmos a concepção sustentada originalmente por Bergson em seu ensaio *Introdução à metafísica* (2006) apontamos para as origens da confusão entre os dois modos de conhecimento. Ainda que a ciência e a metafísica não possam ser separadas, não podem ser confundidas.

Neste ponto nevrálgico, Almada (2009, p. 170-171) no compasso de Bergson expõe: i) enquanto a ciência visa à um conhecimento relativo da realidade, dispõe de seu objeto tendo em vista a medida, a ii) metafísica abdica da mensuração, relação e comparação, isto é, objetivando um conhecimento absoluto, simpatiza-se com a realidade. Enquanto o primeiro modelo se reveste de um método segundo o qual não prescinde do espaço e do tempo realizado, o segundo é caracterizado pela postura de jamais renunciar à duração pura, real e isenta de qualquer espacialidade. Infere-se a partir daí que mesmo os dois modos de conhecimento visando ao mesmo objeto - o que comumente ocorre - é indubitável que se trata de dois modos distintos de conhecimento.

Assim as ciências positivas têm em seu seio a análise e o método que tradicionalmente as caracteriza. Bergson a exibiu:

Em seu desejo eternamente insaciado de abarcar o objeto que ela está condenada a rodear, a análise multiplica incessantemente os pontos de vista para completar a representação sempre incompleta, varia sem

---

<sup>1</sup> Infelizmente, Farias Brito faleceu antes de desenvolver os passos metodológicos da introspecção.



descanso os símbolos para perfazer a tradução sempre imperfeita. Prolonga-se, portanto, ao infinito (Bergson, 2006, p. 187).

Já a filosofia vinculada com preeminência ao método introspectivo açambarca a dimensão metafísica da realidade, dimensão esta que busca precisar a significação da existência e torna possível conceber uma experiência atual de autoconsciência e de domínio de si. Neste sentido, Farias Brito exhibe a seguinte questão: elaborado definitivamente o conhecimento pela ciência, está terminado o trabalho da filosofia? Não, eis que nos ensina:

A filosofia não pode se contentar com a ciência. Esta não pode esgotar a realidade. Há sempre pontos obscuros nas coisas mais claras, há sempre mistério no que se supõe conhecer com mais precisão, e a ciência, em verdade, tateia no vácuo, e considerada em relação ao infinito do mundo é como um simples ponto luminoso no meio de uma noite infinita (Brito, 2006, p. 107).

#### 4 CONSCIÊNCIA DE SI: LIBERDADE E O GOVERNO DE SI

Ao tomarmos como referência a obra *A base física do espírito* (2006) de Farias Brito, exibimos a equação dada pela consciência de si e a liberdade e as condições de possibilidade do governo de si. A travessia da ordem puramente biológica para ordem psíquica é marcada pela entrada no domínio da consciência; o quer dizer: no domínio da liberdade. Deste modo, significa dizer que nos embrenhamos em uma região que escapa a toda lei necessária, que escapa à lógica da medida e do cálculo; entramos em uma “região que participa, como assim se vê, por sua natureza própria, dos predicados do espírito” (Brito, 2006, p. 129-130).

Neste sentido, Almada (2009, p. 60) em sintonia com Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) reverberam, no Brasil, um projeto de modernização da ‘ciência’ do espírito ancorados no fundamento de homem de ação, não limitado à contemplação, em que a consciência e a liberdade fornecem ao homem “uma individualidade real, a posse de si mesmo”, e, assim, “essa consciência individual, e por seus próprios atos, é que o homem se julga, e é julgado” (Magalhães, 2004, p. 354).

De acordo com o filósofo Luiz Alberto Cerqueira Batista em sua obra *Filosofia brasileira: ontogênese da consciência de si* (2002), foi Magalhães quem primeiro abordou a substituição do papel da conversão religiosa como origem da

autoconsciência por um sentido de consciência de si à luz da razão. Assim, Magalhães (2004, p. 355) expôs a premissa de que a liberdade nesse mundo é um atributo de quem é inteligente, e, pois, que, só tem inteligência quem é livre, e, portanto, quem tem “inteligência e liberdade tem consciência de si mesmo, e é de necessidade um ente moral”.

Almada (2009, p. 144) propõe contribuir com o debate acerca da relação dada entre inteligência e liberdade, e, deste modo, problematiza a relação entre a liberdade e consciência de si nos animais não-humanos. É preciso levar em conta no interior do debate a universalidade e condicionalidade histórica do problema. Almada leva isso em conta, e em razão dos dados empíricos disponíveis a época de Magalhães (1881-1882) procede a um criterioso debate.

Ainda que os animais não-humanos tenham instintos diversos e apresentem padrões fisiológicos regulares passíveis de mensuração pela ciência, nada disso é o suficiente para lhes garantirem inteligência no sentido da consciência de si apresentada pelos humanos. Ainda que um animal possa sentir prazer por um mesmo objeto que sentiu há um ano, será que podemos, por isso, afirmar que tenha consciência e memória, ou pelo menos no mesmo nível que a exibimos? Não há como provar se os animais têm “consciência de si, razão, liberdade e palavra, que têm percepção das coisas como nós, e não simples sensações” (Almada, 2009, p. 144). Não se pode garantir, portanto, que os animais induzem e deduzem, que sejam participantes de ideias gerais e necessárias. Sobre este ponto específico recorremos a Magalhães que ergue a seguinte indagação:

Mas quem poderá penetrar e ler na consciência dos animais, que não vejo revelar-se em coisa alguma, apesar de terem eles as mesmas sensações que tenho, talvez melhores do que nós, e instintos superiores desde o momento em que nascem? Se os tivesse o homem, com a alma que tem, muito mais adiantado estaria, e não precisaria de uma longa e débil infância para apreender (Magalhães, 2004, p. 194).

Salientamos que a posse do método introspectivo constitui as condições de passagem da ordem puramente biológica para ordem psíquica que marca a entrada no domínio da consciência. Deste modo, transcendemos as necessidades de um aparelho biológico, criando, portanto, as condições de possibilidade da liberdade. Ainda que a biologia e a genética apresentem significativo alcance, a alçada não é

completa. É a partir desta incompletude que escapamos em grande medida do determinismo, que transcendemos as fronteiras dos instintos. Extremando-se até a consciência de si o homem exerce domínio sobre si e sobre as coisas. Sobre as terras férteis da liberdade repousa a força criadora do espírito que “não só tem a faculdade de emocionar-se em face do poder soberano da natureza como ainda cria alguma coisa de novo” (Brito, 2003, p. 63).

A consciência enquanto princípio vivo de ação cria e amplia sob certo ponto de vista e relativamente as proporções da realidade. O conhecimento de si nestas proporções cria as condições para que o homem conheça e interroge a sua própria natureza, a sua origem e seu destino. Não é à toa que a incompletude vem acompanhada de carência. Isso explica em grande medida porque criamos a filosofia, a ciência, as artes e a religião.

Eis que não se reduz a sociedade e cultura ao mecanicismo. Se assim o fosse, se estivéssemos atrelados exclusivamente ao aparelho biológico nos encontraríamos em um estado suprimido de liberdade. Assim, a partir da impossibilidade de tomada de decisão seríamos determinados por condições de selvageria alheias as condições do conhecimento de nós (conhecimento de si) que marca a ontologia humana equipada com uma dimensão privada, acessível e articulável.

Deste modo, o acesso ao mundo interior traz consigo o vislumbre, por vezes até o deslumbre do que pensamos e sentimos. Isso explica em parte porque a dor e o prazer compõem sentimentos humanos. Também permite explicar por que a ontologia de primeira pessoa se encontra associada a consciência de si, e, por consequência, nos fornece acesso à própria dor, ao próprio sofrimento, ao próprio regozijo e ao próprio prazer. Atuamos claramente para além do determinismo biológico, embora ainda estejamos sujeitos aos padrões regulares desta biologia que independente da nossa vontade insiste em nos manter vivos.

Almada (2009, p. 75) no compasso da obra *Sobre uma nova intuição do direito* de Tobias Barreto (1839-1889) sublinha o problema da liberdade como princípio de ação moral e de construção da cultura:

ora, que significa isto senão a existência do conhecimento de si e, por isso mesmo, a liberdade como princípio de ação moral e de construção da cultura? o fato suficiente e necessário à ação moral e criadora é, sem dúvida, o grau do conhecimento de si, pois “sem uma

transformação de dentro para fora, sem uma substituição da selvageria do homem natural, pela nobreza do homem social não há propriamente cultura” (Barreto, 1957, p. 180).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É da relação imbricada entre a filosofia e o problema universal do conhecimento de si que emerge as condições da constituição da liberdade. Com efeito, a maior finalidade do espírito ou da consciência repousa sobre a capacidade do homem de dominar a si mesmo. É a partir da ampliação do escopo da consciência de si que o espírito ou a consciência amplia sob certo ponto de vista e relativamente as proporções da realidade. O conhecimento de si nestas proporções cria as condições para que o homem conheça e interroge a sua própria natureza, a sua origem e seu destino.

Ao transpormos os limites da ordem puramente biológica rumo à ordem psíquica nos inserimos inescapavelmente na dimensão desse poder agente e real, essa força criadora que é a consciência. É desta capacidade de interrogar a realidade que nasce a filosofia. Da filosofia como atividade permanente do espírito, origina-se suas bifurcações. A partir do exercício de interrogar a realidade, encaminha-se a elaboração do conhecimento. Da filosofia nasce a ciência, de tal modo que os dois modos de conhecimento se tornam inseparáveis, entretanto, não podem ser compreensivamente confundidos.

Neste sentido, é preciso enfatizar: as ciências por si só não esgotam a realidade. Segue-se daí que as bifurcações a partir da filosofia nos conduzem às diferentes direções: uma nos conduz à ciência e outra nos conduz à metafísica, o quer dizer em consonância com Brito (2006, p. 109) que a “filosofia produz as ciências, mas generalizando em seguida o resultado das ciências, eleva-se daí a uma interpretação da realidade e funda a metafísica”, isto é “uma concepção do todo universal”. Portanto, é a filosofia que vinculada com preeminência ao método introspectivo açambarca a dimensão metafísica da realidade, dimensão esta que busca precisar a significação racional da existência e a significação do papel que o homem representa no mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALMADA, Leonardo Ferreira. *A ideia de filosofia como ciência do espírito no Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- BATISTA, Luiz Alberto Cerqueira. *Filosofia Brasileira: ontogênese da consciência de si*. Petrópolis: Vozes, 2002. (Filosofia Brasileira).
- BERGSON, Henri. *Ensaíos*. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BERGSON, Henri. *Introdução à metafísica*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 183-234.
- BRITO, Raimundo de Farias. *A base física do espírito: história sumária do problema como preparação para o estudo da filosofia do espírito*. Brasília: Senado Federal, 2006.
- BRITO, Raimundo de Farias. *O mundo interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito*. Introdução: Luiz Alberto Cerqueira. 3. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p. 1-428.
- BRITO, Raimundo de Farias. *Finalidade do mundo: estudos de filosofia e teleologia naturalista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de. *Fatos do espírito humano*. 3. ed. org., estudo e introdução: Luiz Alberto Cerqueira. Petrópolis: Vozes, 2004. (Filosofia Brasileira).
- VIEIRA, Padre Antonio. *Sermões*. Alcir Pérola (org.). v. 2. São Paulo: Hedra, 2003.

## DADOS DOS AUTORES

### *Leonardo Ferreira Almada*

Professor de Filosofia (Nível Associado IV) do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia-MG) e do Programa de Pós Graduação em Filosofia (Níveis Doutorado e Mestrado) da Universidade Federal de Uberlândia (Uberlândia-MG), por onde atua desde 2011 com ensino, pesquisa, orientação e extensão. É graduando (2022-) em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Filosofia (2006-2009) pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGF-UFRJ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9777-5667>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4014427698799350>

E-mail: [umamenteconsciente@gmail.com](mailto:umamenteconsciente@gmail.com)

*Fabiense Pereira Romão*

Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (POSFIL-UFU) e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (POSFIL-UFU). Graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Uberlândia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3615-0153>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7342675628426710>

E-mail: [phabienseromao@gmail.com](mailto:phabienseromao@gmail.com)